

NUTRINDO ENJEITADOS: AMAS DE LEITE ESCRAVIZADAS NA CASA DOS EXPOSTOS DO RIO DE JANEIRO, SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX¹

FEEDING UNWANTED CHILDREN: ENSLAVED WET NURSES AT THE CASA DOS EXPOSTOS IN RIO DE JANEIRO, SECOND HALF OF THE 19TH CENTURY

Karoline Carula
Universidade Federal Fluminense
karolinecarula@id.uff.br

Resumo: O objetivo do artigo é analisar a presença de mulheres, sobretudo escravizadas, trabalhando como amas de leite na Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX. Inicialmente, faço uma reflexão sobre a instituição, comparando-a com outras análogas na América, em seguida, a maternidade da escravizada no mundo atlântico é enfocada e, por fim, centro meu estudo nas nutrizes da Casa. Para tal, utilizo como fonte o livro de registro de amas internas, no qual estão registradas informações acerca das mulheres contratadas para aleitarem as crianças enjeitadas na Roda dos Expostos, cotejando com a imprensa. A partir dos dados presentes no livro – nome da ama, estatuto jurídico, nome do/a proprietário/a, datas de entrada e saída, endereço e vencimento – empreendo uma abordagem qualitativa e quantitativa de análise, comparando, por meio da historiografia, com a atuação das amas de leite em outras sociedades do mundo atlântico.

Palavras-chave: Casa dos Expostos; amas de leite; maternidade escrava.

Abstract: The aim of the article is to analyze the women, mainly enslaved, working as wet nurses at the Casa dos Expostos in Rio de Janeiro, in the second half of the 19th century. First, I reflect about the institution, comparing it with other analogues in America, then I focus in the enslaved motherhood in the Atlantic world and, finally, I center my study on wet nurses at the Casa. For this, I use as a source the register book of wet nurses, in which information is registered about the women hired to breastfeed the abandoned in the Roda dos Expostos, comparing with press. From the data present in the book – name of the wet nurse, legal status, name of the owner, entry and exit dates, address and wage – I do a qualitative and quantitative analysis, comparing, through the historiography, their agency with others wet nurses in the Atlantic world.

Keywords: Casa dos Expostos; wet nurses; enslaved motherhood.

¹ Esta pesquisa foi financiada com o programa “Jovem Cientista do Nosso Estado / 2021” – Faperj.

Casa dos Expostos, amas de leite e maternidade escrava no mundo atlântico

“Pois então a Roda é alguma praia ou matadouro? Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver à mingua.”¹

A observação acima foi feita pela personagem tia Mônica, do conto “Pai contra mãe” de Machado de Assis². Ela aconselhava sua sobrinha, Clara, então grávida, e o marido, Candido Neves, a enjeitarem seu bebê³ na Roda dos Expostos após o nascimento, devido à situação de pobreza vivida pela família. Além da explicitação de um dos motivos que levavam ao abandono, qual seja, a pobreza⁴, outro ponto era sinalizado na fala da tia – a sobrevivência das crianças expostas⁵. Entre os anos de 1838 e 1850, por exemplo, mais da metade dos bebês depositados na Roda faleceu, montante que chegou a dois terços nos anos de epidemias.⁶ Era notório, portanto, o alto índice de óbitos entre os enjeitados. Mesmo assim, Mônica

¹ MACHADO DE ASSIS. Pai contra mãe. In: _____. **Relíquias de casa velha**. Rio de Janeiro, Paris: H. Garnier, Livreiro Editor, 1906, p. 11.

² Uma análise acerca das diferentes maternidades presentes no conto pode ser encontrada em CARULA, Karoline. Maternidades oitocentistas: reflexões sobre ser mãe a partir do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis. In: FORTES, Carolina Coelho; CARLONI, Karla (orgs.). **Mulheres tecendo o tempo: experiências e experimentos femininos no medievo e na contemporaneidade**. Curitiba: CRV, 2020, p. 47-62.

³ No Brasil e em outras sociedades, praias e vias públicas foram lugares de abandonos de bebês e muitos morriam mutilados por animais: TORRES PICO, José M. **Los expósitos y la sociedade colonial: la Casa Cuna de la Habana, 1710-1832**. Habana: Editora Historia, 2013. OSTA VÁZQUEZ, María Laura. Niños y Niñas, expósitos y huérfanos en Montevideo del siglo XIX. **Revista de la Facultad de Derecho**, n. 41, p. 155-189, jul.-dic. 2016. MORENO, José Luis. El delgado hilo de la vida: los niños expósitos de Buenos Aires, 1779-1823. **Revista de Indias**, v. LX, n. 220, p. 663-685, 2000. VENÂNCIO, Renato Pinto. **Famílias abandonadas: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX**. Campinas: Papyrus, 1999, p. 23-25. No Brasil, após a Lei do Ventre Livre, de 1871, o número de abandonos de bebês de escravizadas cresceu, além de colocados na Roda eram deixados nas praias, praças e escadarias de igrejas. TELLES, Lorena Féres. Mães e amas de leite nas malhas dos interesses escravistas: mercado urbano de aluguel, abandono e morte de bebês ingênuos no Rio de Janeiro (1871-1888). In: MACHADO, Maria Helena P. T.; BRITO, Luciana da Cruz; VIANA, Iamara da Silva; GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). **Ventres livres? Gênero, maternidade e legislação**. São Paulo: Editora Unesp, 2021, p. 41-62.

⁴ MARCÍLIO, Maria Luiza. **História social da criança abandonada**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2019, p. 142. FRANCO, Renato. Riqueza, pobreza e infância: o reformismo ilustrado português e a utilidade dos expostos. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 26, supl., p.109-127, dez. 2019.

⁵ Exposta, enjeitada e abandonada eram os termos empregados, o último apenas se generalizou por volta de 1890. VENÂNCIO, Renato Pinto. *Op. Cit.*, p. 20.

⁶ KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro: 1808-1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 155-156. Sobre a mortalidade dos bebês expostos, conferir: VENÂNCIO, Renato Pinto. *Op. Cit.*, p. 108-115. MARCÍLIO, Maria Luiza. *Op. Cit.*, p. 278-287.

tentava convencê-los de que a instituição não era um “matadouro”; a sugestão consternou o casal, que há muito desejava o rebento. A maior probabilidade de falecimento precoce deve ter angustiado aqueles/as que lá deixavam seu/ua(s) filho/a(s).

Fundada em 1738, a Casa dos Expostos, igualmente conhecida como Casa da Roda ou Roda dos Expostos, local de abandono anônimo de recém-nascidos, era mantida pela Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro juntamente com outras duas instituições assistencialistas – o Hospital Geral e o Recolhimento de Órfãs e Desvalidas. A Casa dos Expostos funcionou em quatro locais⁷ diferentes no Oitocentos, e a alta mortalidade infantil foi um dos motivos das mudanças⁸. Para a Roda também se encaminhavam aquelas cujas mães estavam internadas no Hospital Geral e não podiam ser amamentadas⁹, bebês deixados em outros locais eram enviados para a instituição, como mostra a notícia publicada no *Jornal do Commercio*: “CRIANÇA ABANDONADA – Foi recolhida anteontem à casa dos expostos uma criança recém-nascida, encontrada no beco dos Ferreiros às 8 ½ horas da noite.”¹⁰

Os bebês abandonados necessitavam ser alimentados, para tal a Casa contratava amas de leite, às quais ficaria o encargo da amamentação e do cuidado. Logo que possível, eles eram encaminhados para famílias criadeiras, que recebiam pagamento mensal para cuidarem do exposto até os três anos; neste período, a criança deveria ser levada à Roda periodicamente para o acompanhamento de sua saúde. Havia casos em que a família criadeira recorria ao serviço de uma nutriz escravizada, no entanto, não é possível precisar quando a ama de leite do bebê era

⁷ Até 1810, situava-se na Santa Casa de Misericórdia, quando o Irmão José Dias da Cruz doou um imóvel para receber os abandonados, nas cercanias do hospital. A Roda, em 1840, foi transferida para a rua Santa Thereza, dez anos depois para o cais da Glória e, em 1860, para a rua dos Bourbons, onde funcionou até 1906. VENÂNCIO, Renato Pinto. *Op. Cit.*, p. 52.

⁸ CARNEIRO, Maria Elizabeth R. **Procura-se uma “preta, com muito bom leite, prendada e carinhosa”**: uma cartografia das amas-de-leite na sociedade carioca (1850-1888). Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2006, p. 61.

⁹ Entre fevereiro de 1873 e maio de 1884, por exemplo, 179 crianças foram conduzidas do Hospital para a Casa dos Expostos. SANGLARD, Gisele. Entre o Hospital Geral e a Casa dos Expostos: assistência à infância e transformação dos espaços da Misericórdia carioca (Rio de Janeiro, 1870-1920). *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, t. XLVII, 2016, p. 337-358.

¹⁰ *Jornal do Commercio*, 12/10/1861, p. 2, grifos do original.

membro da família ou uma outra alugada.¹¹ Além do componente religioso, acolher um enjeitado proporcionava renda adicional às famílias pobres, algumas recebiam simultaneamente mais de um para cuidar, ademais, representava uma possibilidade futura de obtenção de mão de obra gratuita.¹² As crianças criadas externamente tinham maiores chances de sobrevivência, contudo, isso não as isentava de eventuais maus-tratos.¹³

Em algumas sociedades da América hispânica e nos posteriores países independentes, da mesma maneira, se deu o abandono de bebês em instituição congênere. Entretanto, diferente do Brasil, onde a assistência estava vinculada à administração-institucional portuguesa, as instituições espanholas para acolhimento de expostos estiveram mais próximas da hierarquia eclesiástica.¹⁴ Conhecidas por “*Casa Cuna*”, assim como Rodas do Rio de Janeiro e de Salvador, contratavam amas de leite internas e externas, ou famílias criadeiras, no caso brasileiro, para amamentarem e cuidarem dos enjeitados.¹⁵ Em Buenos Aires, no ano de 1823, o principal gasto da *Casa de Niños Expósitos* consistia no pagamento das nutrizes, havia 202 trabalhadoras, das quais 99 eram amas de leite e 36 amas de “*media leche*”, que dividiam o leite entre os enjeitados e seus bebês.¹⁶

Em Montevideú, no século XIX, semelhante ao ocorrido com as famílias criadeiras do Rio de Janeiro, algumas amas externas cuidavam de mais de uma criança, as quais deveriam ser levadas mensalmente ao *Asilo de Expósitos y Huerfanos* para ser assistida por um médico, o que na prática frequentemente não ocorria. O inverno rigoroso e problemas na regularidade do pagamento das amas externas eram apontados como responsáveis pela ausência para o acompanhamento médico. Porém, de modo divergente do Brasil, na capital uruguaia a mortalidade entre as crianças entregues a nutrizes externas era

¹¹ VENÂNCIO, Renato Pinto. *Op. Cit.*, p. 61.

¹² MARCÍLIO, Maria Luiza. *Op. Cit.*, p. 154.

¹³ *Ibidem*, p. 156 e 157.

¹⁴ Foram fundadas as seguintes casas para acolhimento de expostos: Havana (1713), em Cuba; Santiago (1758), no Chile; Buenos Aires (1779), na Argentina; Arequipa (1787), no Peru; e Montevideú (1818), no Uruguai. MARCÍLIO, Maria Luiza. *Op. Cit.*, p. 144-145.

¹⁵ TORRES PICO, José M. *Op. Cit.* OSTA VÁZQUEZ, María Laura. *Op. cit.*, 2016. MORENO, José Luis. *Op. cit.*

¹⁶ MORENO, José Luis. *Op. cit.*, p. 682.

significativamente maior, o que alarmou os médicos acerca das causas.¹⁷ Os atrasos nos estipêndios igualmente eram motivos de preocupação, pois poderiam suscitar maus-tratos às crianças.

A Casa dos Expostos do Rio de Janeiro contratava amas internas, responsáveis por aleitarem e cuidarem dos enjeitados não encaminhados para as famílias criadeiras. Havia um dinâmico mercado de amas de leite na cidade, uma vez que muitas mães das camadas médias e abastadas não amamentavam seus bebês e, para tal, recorriam a nutrizas de aluguel escravizadas, livres e libertas, nacionais e estrangeiras. No século XIX, um intenso discurso médico passou a recriminar as mães que não amamentavam seus/uas filhos/as, consideradas desnaturadas e não cumpridoras do seu “natural” papel feminino. Tal condenação esteve presente tanto nas teses e publicações médicas como na imprensa, que, ao defenderem o aleitamento materno, desqualificavam as amas de leite, classificadas como perigosas para o bebê.¹⁸ Todavia, em alguns casos os médicos recomendavam o aleitamento realizado por amas, desde que elas contemplassem uma série de critérios higiênicos. Apesar da cruzada médica pró-aleitamento materno, o mercado de amas de leite continuou bem ativo até o início do século XX.¹⁹

A reprovação médica com relação ao uso de amas de leite como método de aleitamento infantil ocorreu em outros locais. Em Cuba, por exemplo, o médico Julio Jacinto Le Riverend assegurava que o leite materno era o mais adequado, mas

¹⁷ Entre abril de 1865 e 31 de dezembro de 1866, “[...] de los 230 infantes ingresados para ser amamentados por nodrizas externas murieron 64. Mientras que de los 76 ingresados al Asilo, murieron solamente uno”. OSTA VÁZQUEZ, María Laura. Manos que mecen la cuna: amas de leche uruguayas bajo el control del discurso médico en el siglo XIX. **Estudios Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 47, n. 1, jan.-abr. 2021, p. 10 e 11.

¹⁸ CARNEIRO, Maria Elizabeth R. *Op. Cit.*, parte I – cap. 2. CARULA, Karoline. Alimentação na primeira infância: médicos, imprensa e aleitamento no fim do século XIX. In: SANGLARD, Gisele (org.). **Amamentação e políticas para a infância no Brasil: a atuação de Fernandes Figueira (1902-1928)**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016, p. 31-56. CARULA, Karoline. **Darwinismo, raça e gênero: projetos modernizadores para a nação em conferências e cursos públicos (Rio de Janeiro, 1870-1889)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016, cap. 4. TELLES, Lorena Féres da Silva. **Teresa Benguela e Felipa Crioula estavam grávidas: maternidade e escravidão no Rio de Janeiro (século XIX)**. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018, cap. 5.

¹⁹ GIL, Caroline Amorim. **Precisa-se ou aluga-se: o mapeamento de amas de leite na cidade do Rio de Janeiro na Primeira República**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

em determinadas situações específicas poderia utilizar-se outra nutriz, que deveria ser selecionada segundo rigorosos critérios.²⁰ No Uruguai, o discurso médico-científico também esquadrihava os atributos necessários para uma boa ama de leite, no caso da impossibilidade de a mãe amamentar.²¹ Maria Laura Osta Vázquez argumenta que o declínio de anúncios de amas de leite no jornal *El Siglo* (1863-1898), de Montevideu, reflete a diminuição do uso de nutrizes, consequência do crescimento dos trabalhos médicos preconizando o aleitamento materno e contrários ao realizado por amas, juntamente com a chegada e difusão da obra *Émile*, de Rousseau, na qual preconizava a maternidade como papel essencial da mulher, que, por isso, deveria amamentar seus/uas filhos/as, não delegando a missão a outra.²²

No Brasil, as amas de leite eram mulheres escravizadas em sua maioria²³. Para além de todas as outras formas de aproveitamento de trabalho e violência sofridas pela população escravizada de maneira mais ampla, o corpo feminino e sua capacidade reprodutiva implicavam num cruel sistema adicional de exploração e sofrimento. O princípio do *partus sequitur ventrem*, presente em outras sociedades escravistas atlânticas, em vigor no Brasil até a Lei do Ventre Livre²⁴, de 28 de setembro de 1871, transmitia ao/à filho/a o estatuto jurídico de sua mãe, fazendo com que a escravizada fosse produtora e reprodutora de trabalho. Ao estabelecer

²⁰ BARCIA Zequeira, María del Carmen. **Oficios de mujer**. Parteras, nodrizas y “amigas”: servicios públicos em espacios privados (siglo XVII – siglo XIX). Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2015, p. 138-142.

²¹ OSTA VÁZQUEZ, María Laura. *Op. Cit.*, 2021, p. 5 e 6.

²² *Ibidem*, p. 9.

²³ CARNEIRO, Maria Elizabeth R. *Op. Cit.* MARTINS, Bárbara C. R. **Amas-de-leite e mercado de trabalho feminino**: descortinando práticas e sujeitos (Rio de Janeiro, 1830-1890). Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. MARTINS, Luiz Carlos Nunes. **No seio do debate**: amas-de-leite, civilização e saber médico no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.

²⁴ Sobre a Lei do Ventre Livre no Brasil e em outras sociedades escravistas atlânticas, por uma perspectiva do gênero, da raça e da liberdade, conferir: MACHADO, Maria Helena P. T.; BRITO, Luciana da Cruz; VIANA, Iamara da Silva; GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). **Ventres livres?** Gênero, maternidade e legislação. São Paulo: Editora Unesp, 2021. COWLING, Camillia. **Concebendo a liberdade**: mulheres de cor, gênero e a abolição da escravidão nas cidades de Havana e Rio de Janeiro. Campinas: Unicamp, 2018. GUZMÁN, Florencia. ¡Madres negras tenían que ser! Maternidad, emancipación y trabajo en tiempos de cambios y transformaciones (Buenos Aires, 1800-1830). **Tempo**, Niterói, v. 24, n. 3, p. 451-473, Set./Dez. 2018.

esse duplo papel da cativa como geradora de riqueza, destacava-se a “centralidade do corpo da escravizada como o próprio locus da escravidão”.²⁵

A importância conferida às suas funções reprodutivas destoava da maneira como as escravizadas vivenciavam sua maternidade – concepção, gestação, parto, amamentação e cuidado com os filhos – marcada, além do amor, por dor, sofrimento e resistência.²⁶ No cativeiro, as escravizadas vivenciaram estupros generalizados, relações forçadas para o crescimento da propriedade, como as praticadas nos Estados Unidos e em algumas regiões do Caribe²⁷. Na Louisiana, por exemplo, a escravizada Henriquetta Butler foi coagida por sua proprietária a fazer sexo com um homem e dessa agressão resultou uma gravidez; ao dar à luz, a criança faleceu pouco depois e, ainda em luto, ela foi obrigada a ser a ama de leite do filho de sua senhora.²⁸ No intuito de ampliar a propriedade escrava, tanto proprietários como proprietárias induziam suas escravizadas a terem relações sexuais no Sul dos Estados Unidos no período anterior à Guerra Civil.²⁹ Árduas jornadas de trabalho, alimentação precária e pouco repouso durante a gestação ocasionavam abortos espontâneos entre as escravizadas. Partos marcados pela violência obstétrica, haja vista a disseminada proposição de que negros eram mais resistentes à dor³⁰, levavam a puerpérios com o imediato retorno ao trabalho pesado. No Brasil, a circulação de teorias que racializavam o corpo feminino

²⁵ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Mulher, corpo e maternidade. In: SCHWARCZ, Lilia M.; GOMES, Flavio dos Santos (org.). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 337. No tocante à centralidade do corpo feminino cativo como produtor e reprodutor, ver: BROWN, Kathleen M. **Good wives, nasty wenches, and anxious patriarchs**: gender, race, and power in colonial Virginia. Chapel Hill and London: University of North Carolina Press, 1996, p. cap. 4. MORGAN, Jennifer L. **Laboring women**: reproduction and gender in New World slavery. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

²⁶ CARULA, Karoline; ARIZA, Marília B. A. (orgs.). **Escravidão e maternidade no mundo atlântico**: corpo, saúde, trabalho, família e liberdade nos séculos XVIII e XIX. Niterói: EdUFF, 2021. MERIÑO FUENTES, Maria de los Ángeles; PERERA DÍAZ, Aisnara. La madre esclava y los sentidos de la libertad. Cuba 1870-1880. **História Unisinos**, v. 12, n. 1, p. 49-59, Janeiro/Abril 2008. COWLING, Camillia. *Op. Cit.* MORGAN, Jennifer L. *Op. Cit.*

²⁷ PATON, Diana. Maternal struggles and the politics of childlessness under pronatalist Caribbean slavery. **Slavery & Abolition**, v. 38, n. 2, p. 251-262, 2017.

²⁸ JONES-ROGERS, Stephanie E. **They were her property**: white women as slave owners in the American South. New Haven: Yale University Press, 2019, p. 107. Mesmo em situações de estupros, praticados majoritariamente por homens brancos, na Louisiana, as mães escravizadas negociaram e lutaram para a manutenção de vínculos com os/as filhos/as. LIVESEY, Andrea. Conceived in violence: enslaved mothers and children born of rape in nineteenth-century Louisiana. **Slavery & Abolition**, v. 38, n. 2, p. 373-391, 2017.

²⁹ JONES-ROGERS, Stephanie E. *Op. Cit.*, cap. 1.

³⁰ MORGAN, Jennifer. *Op. Cit.* TELLES, Lorena Féres da Silva. *Op. Cit.*, 2018, cap. 4.

impactou a formação ginecológica e obstétrica, promovendo intervenções médicas invasivas e agressivas, como as realizadas na Enfermaria de Partos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.³¹ A morte dos/as filhos/as, seja no nascimento ou precocemente, marcou a vida daquelas mulheres. Na Jamaica, quase metade das crianças escravizadas morreu nos dois primeiros meses após o nascimento e outro um quarto aos dois anos, a dor emocional da perda dos/as filhos/as foi constante na vivência daquelas mães, o sempre presente fantasma da morte fez com que as escravizadas remodelassem seus desejos e práticas maternas.³² A separação de seus filhos para retornarem o mais rápido possível às atividades laborais habituais ou para trabalharem como nutrizes de bebês de outras mulheres negavam às escravizadas o exercício integral de sua maternidade³³.

A crença de que as mulheres negras tinham capacidades superiores para a amamentação foi forjada antes mesmo da escravidão transatlântica. Viajantes europeus teciam observações racializadas e animalizadas acerca dos seios das africanas, como, por exemplo, com relação ao seu tamanho que possibilitava aos bebês mamarem sobre os ombros.³⁴ O aleitamento realizado por ama cativa pode ser compreendido dentro de um processo de comercialização e comodificação da mulher escravizada.³⁵ A exploração desta como ama de leite foi consequência da demanda das mulheres brancas da sociedade que, por motivos diversos, não amamentavam seus/suas filhos/as, explicitando, assim, como salientou Stephanie Jones-Rogers para os Estados Unidos, a cumplicidade das senhoras na exploração

³¹ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. O Problema Ilíaco: Anatomia Comparada e Teorias Raciais na Obstetrícia da Enfermaria de Partos do Rio de Janeiro (década de 1880). TELLES, Lorena Féres da Silva. Bacias, fetos e pelvímetros: mulheres escravizadas e violência obstétrica na enfermaria de partos do Rio de Janeiro (década de 1880). Ambos os capítulos estão na obra: CARULA, Karoline; ARIZA, Marília B. A. (orgs.). **Escravidão e maternidade no mundo atlântico: corpo, saúde, trabalho, família e liberdade nos séculos XVIII e XIX**. Niterói: EdUFF, 2022.

³² TURNER, Sasha. The nameless and the forgotten: maternal grief, sacred protection, and the archive of slavery. **Slavery & Abolition**, v. 38, n. 2, p. 232-250, 2017.

³³ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Entre dois Beneditos: histórias de amas de leite no ocaso da escravidão. In: GOMES, Flávio dos S.; XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana B. (org.). **Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação**. São Paulo: Selo Negro, 2012, p. 199-213. MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Maternidade silenciada: amas de leite no Brasil escravista, século XIX In: XAVIER, Regina Célia; OSÓRIO, Helen (org.). **Do tráfico ao pós-abolição: trabalho compulsório e livre e a luta por direitos sociais no Brasil**. São Leopoldo: Oikos, 2018, p. 360-391. TELLES, Lorena Féres da Silva. *Op. Cit.*, 2018, p. 5. CARULA, Karoline. *Op. Cit.*, 2021.

³⁴ MORGAN, Jeniffer L. *Op. Cit.*, cap. 1.

³⁵ JONES-ROGERS, Stephanie E. *Op. Cit.*

da maternidade da escravizada, elas criaram um tipo de trabalho escravo qualificado exclusivo para si.³⁶ Ao delegarem a amamentação e os cuidados do bebê às amas, as mulheres brancas impediam o pleno desempenho da maternidade das escravizadas. Além de impossibilitar a vivência materna, para Emily West e R. J. Knight, atuar como ama de leite limitava sua oportunidade de resistência, uma vez que a escravizada estaria sob o olhar constante e vigilante dos responsáveis pela criança por ela nutrida, o que dificultaria, mas não impediria, sua oportunidade de ação.³⁷

Sally G. McMillen, com base em diários e cartas de mulheres da camada dominante, assevera que no Sul dos Estados Unidos apenas 20% das mulheres brancas utilizavam amas de leite para amamentarem seus bebês, o número reduzido era consequência da pressão dos discursos médicos e religiosos.³⁸ Entretanto, como mostra Stephanie E. Jones-Rogers, o uso de ama de leite era muito mais generalizado, não sendo empregado como último recurso para a alimentação infantil; muitas mulheres brancas argumentavam terem saúde frágil como impeditivo para amamentarem e, por isso, utilizavam amas.³⁹ A comercialização do leite materno, no Sul estadunidense, ocasionou uma elevação do valor das mulheres nos mercados de escravos.⁴⁰ Proprietários/as forçavam o desmame precoce do bebê escravizado, após os seis meses, para que a ama pudesse aleitar o bebê branco até cerca de dois anos de idade.⁴¹ Em Havana e no Rio de Janeiro, bem como em outras regiões do Brasil, colocar a escravizada para atuar como ama de leite também implicava em diminuir a possibilidade de que ela alimentasse e cuidasse de seu próprio filho.⁴²

No Estados Unidos, no decorrer do século XIX, a utilização de amas de leite diminuiu, mas no Sul ela permaneceu constante como uma forma adicional de

³⁶ JONES-ROGERS, Stephanie E. *Op. Cit.*

³⁷ WEST, Emily; KNIGHT, R. J. Mothers' milk: slavery, wetnursing, and black and white women in the Antebellum South. **Journal of Southern History**, v. LXXXIII, n. 1, February 2017, p. 38.

³⁸ McMILLEN, Sally G. **Motherhood in the Old South**: pregnancy, childbirth, and infant rearing. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1997, p. 118, 124-125.

³⁹ JONES-ROGERS, Stephanie E. *Op. Cit.*, p. 102.

⁴⁰ JONES-ROGERS, Stephanie E. *Op. Cit.*, cap. 5.

⁴¹ WEST, Emily; KNIGHT, R. J. *Op. Cit.*, p. 43.

⁴² COWLING, Camillia. *Op. Cit.*; MACHADO, Maria Helena P. T. *Op. Cit.*, 2012; MUAZE, Mariana de Aguiar F. *Op. Cit.*

exploração do corpo das mulheres escravizadas. Situação semelhante ocorreu no Brasil, onde o emprego de nutrizes foi intenso no século XIX, com preponderância da atuação de escravizadas. No Sul dos Estados Unidos, o uso de mamadeira para a alimentação infantil era eventual, a escravidão diminuiu a necessidade desse método devido à disponibilidade de amas escravizadas; todavia, a mamadeira era administrada aos bebês escravos quando suas mães aleitavam outros.⁴³

Havia um intenso mercado de amas de leite no Rio de Janeiro⁴⁴. Ele se deu, em menor ou maior escala, em outros centros urbanos do país e localidades do mundo atlântico, com a presença de mulheres escravizadas atuando como nutrizes de aluguel. A imprensa, em muitos desses locais, foi empregada tanto por aqueles que ofertavam o serviço como por quem o procurava. Os jornais estavam repletos de anúncios (aluguel, compra e venda), nos quais muitas vezes estavam sinalizadas as qualidades desejadas para uma ama de leite, juntamente com outras habilidades, indicando que a mulher poderia executar mais atividades além do aleitamento e cuidado da criança: “Aluga-se uma crioula com leite de um mês, com o filho 40\$ e sem ele 60\$, também lava, engoma e cozinha; na rua do Príncipe n. 188, em Niterói”⁴⁵. No Sul dos Estados Unidos, os anunciantes, da mesma maneira, destacavam outras habilidades das amas de leite.⁴⁶ No anúncio transcrito, o preço diferenciado para a presença do filho junto com a ama evidencia uma situação recorrente – a separação entre mãe e filho. Mesmo quando havia a possibilidade de levar o bebê consigo, isso não extinguiu a tensão, visto que o rebento escravizado receberia menos alimento e atenção.⁴⁷ Dividir o leite e o cuidado entre o bebê escravizado e o da família senhorial era motivo de preocupação entre aqueles que alugavam uma ama no Sul estadunidense.⁴⁸

⁴³ WEST, Emily; KNIGHT, R. J. *Op. Cit.*, p. 40.

⁴⁴ CARNEIRO, Maria Elizabeth R. *Op. Cit.* MARTINS, Bárbara C. R. *Op. Cit.* MARTINS, Luiz Carlos Nunes. *Op. Cit.* CARULA, Karoline. Amas de leite na *Gazeta de Notícias* (década 1870). In: ____; RIBEIRO, Gladys Sabina (org.). **Tensões políticas, cidadania e trabalho no longo Oitocentos**. São Paulo: Alameda, 2020, p. 233-254. CARULA, Karoline. Maternidade escrava e amas de leite na imprensa do Rio de Janeiro do Oitocentos. In: ____; ARIZA, Marília B. A. (orgs.). **Escravidão e maternidade no mundo atlântico: corpo, saúde, trabalho, família e liberdade nos séculos XVIII e XIX**. Niterói: EdUFF, 2022.

⁴⁵ *Gazeta de Notícias*, 02/05/1880, p. 5.

⁴⁶ JONES-ROGERS, Stephanie E. *Op. Cit.*, p. 115.

⁴⁷ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. *Op. Cit.*, 2012.

⁴⁸ JONES-ROGERS, Stephanie E. *Op. Cit.*, p. 119.

Nos Estados Unidos, assim como no Brasil, havia um mercado informal de familiares e amigos que auxiliavam na aquisição de uma ama de leite.⁴⁹ Comparando anúncios de jornais do Norte com os do Sul, Stephanie E. Jones-Rogers verificou que no Sul o conteúdo pautava-se pelo léxico do mercado escravista, portanto, o anunciante sabia que as mães que procuravam nutrizes compreendiam a terminologia e suas implicações.⁵⁰ A escravidão possibilitou que os corpos daquelas mulheres fossem examinados de maneira que não ocorria com as amas do Norte. Para uma amostragem de 57 jornais do século XIX publicados no Alabama, Washington, Maryland, Virgínia, Louisiana, Kentucky, Geórgia, Carolina do Sul, Carolina do Norte, Flórida, Missouri, Mississippi e Tennessee, para os anos de 1800 a 1865, Stephanie E. Jones-Rogers localizou 1.322 anúncios de amas de leite.⁵¹ Para a cidade do Rio de Janeiro, entre 1876 e 1888, em um levantamento ainda não finalizado, apenas no jornal *Gazeta de Notícias* encontrei 1.659 anúncios de amas de leite, indicando um amplo mercado do serviço de amas, bem como um significativo emprego da imprensa nesse mercado.

Na Argentina, no contexto do fim da escravidão, com diferentes formas de trabalho presentes (escravo, coercitivo e livre), a *Gazeta Mercantil de Buenos Aires* publicava anúncios ofertando o serviço de amas, em 1827, por exemplo, dos 125 referentes a nutrizes de aluguel, 38% referiam-se a escravizadas.⁵² No Uruguai, desde o período colonial, mulheres escravizadas atuavam como amas de leite, lá somente as famílias mais abastadas contratavam nutrizes que trabalhariam em suas casas, as outras levavam os bebês às residências das nutrizes⁵³, diferente do

⁴⁹ Para a cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, apesar de ser um importante centro urbano local, a imprensa foi relativamente pouco empregada para o mercado de amas de leite e, possivelmente, o “boca a boca” foi mais fecundo. CARULA, Karoline; FREIRE, Jonis. “Aluga-se uma boa ama de leite, é perfeita cozinheira, engomadeira e lavadeira”: o trabalho das amas de leite em Juiz de Fora nos anúncios do jornal *O Pharol* (1876-1933). In: ____ (orgs.). **Raça, gênero e classe: trabalhadores(as) livres e escravizados(as) no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2020, p. 123-144.

⁵⁰ JONES-ROGERS, Stephanie E. *Op. Cit.*, p. 109-114.

⁵¹ JONES-ROGERS, Stephanie E. *Op. Cit.*, p. 111.

⁵² GUZMÁN, Florencia. “Precisa-se de ama de leite para comprar ou *conchavar*”. Trabalho e racializações de gênero no contexto da abolição gradual (Buenos Aires 1800-1830). In: CARULA, Karoline; ARIZA, Marília B. A. (orgs.). **Escravidão e maternidade no mundo atlântico: corpo, saúde, trabalho, família e liberdade nos séculos XVIII e XIX**. Niterói: EdUFF, 2022.

⁵³ THUL CHARBONNIER, Florencia. Amas de leche em Montivideo entre la esclavitud y la abolición. **Anais do 10º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**. Guarulhos, Assis: Universidade Federal de São Paulo, Universidade Estadual Paulista, 2021.

ocorrido no Brasil, onde a maioria das amas se deslocava para o domicílio do contratante. Jornais de Montevideu nos anos que precederam a abolição – *El Universal* (1835) e *El Nacional* (1840) – publicavam avisos de oferta e procura de amas de leite, contudo, são poucos os que se referem a mulheres escravizadas.⁵⁴

Para o Rio de Janeiro, a despeito do grande número de anúncios de amas de leite presentes na imprensa, poucos foram os encontrados especificando a procura de nutrizes para os bebês da Roda, como esse exemplo: “**Casa dos Expostos.** Precisa-se de amas de leite para a criação interna d’este estabelecimento. Secretaria da casa dos expostos, em 21 de fevereiro de 1878. – O escrivão, *Francisco do Valle Guimarães.*”⁵⁵ Como a oferta de amas na imprensa era grande, é possível que a instituição não tivesse necessidade de publicar anúncios de procura. O dinâmico mercado de nutrizes de aluguel certamente facilitou que a Roda encontrasse mulheres para aleitarem os bebês expostos.

Amas de leite da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro

No arquivo do Educandário Romão de Mattos Duarte⁵⁶, antiga Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, encontra-se o livro “Amas de leite internas – março de 1856 a janeiro 1915”⁵⁷, produzido durante a administração das irmãs de caridade da Ordem de São Vicente de Paulo, que em 1852 passaram a gerenciar a instituição⁵⁸. O documento apresenta os nomes das mulheres que atuaram como amas de leite na Roda⁵⁹. Há 908 registros de amas de leite, dos quais 280 referem-se ao período escravista. Para fins do presente artigo, analisarei apenas estes, por

⁵⁴ *Ibidem.*

⁵⁵ **Gazeta de Notícias**, 29/06/1878, ano 4, n. 177, p. 2, grifos do original.

⁵⁶ Agradeço a Gisele Sanglard pela indicação da fonte.

⁵⁷ **Livro Amas de leite internas – março de 1856 a janeiro 1915.** Acervo Educandário Romão de Mattos Duarte, Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro (doravante, ERMD, SCMRJ). O livro não é numerado, portanto, não há como precisar a página ao citar a fonte.

⁵⁸ **Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro.** Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Capturado em 05 dez. 2021. Online. Disponível na Internet <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/stcasarj.htm>>.

⁵⁹ Maria Elizabeth Carneiro (*Op. Cit.*) estudou as nutrizes que aturam na Roda dos Expostos utilizando como fonte as folhas de pagamento dos vencimentos das amas de leite, presentes no Arquivo da Santa Casa de Misericórdia, que não estavam completas para todos os anos, diferente do Livro que analiso. Sobre este, ver: COSATI, Letícia Conde Moraes. **Assistência à infância na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro: a transformação da Casa dos Expostos (1888-1912).** Dissertação (Mestrado em História das Ciências). Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz, 2019.

meio de uma abordagem quantitativa e qualitativa, buscando compreender um pouco mais sobre as mulheres que aleitaram os bebês expostos.

As páginas do livro estão divididas em duas colunas, na primeira consta o nome da nutriz e na segunda encontram-se os seguintes dados: datas de entrada e saída; no caso das escravizadas, o nome do/a proprietário/a; endereço da ama ou de seu/ua senhor/a; se casada, em alguns casos o nome do marido e, por fim, a remuneração. No caso das escravizadas, havia a preocupação em distinguir as africanas das nascidas no Brasil, ao lado de seus nomes vinha escrito “crioula” ou a respectiva procedência, que em alguns casos vinha precedida da palavra “nação”⁶⁰.

As informações presentes nos registros, baseadas em critérios diversos (estatuto jurídico; “cor”; origem, etc.), revelam maneiras para categorizar aquelas mulheres que amamentavam os bebês enjeitados. As terminologias empregadas para a classificação das amas – escrava, livre ou liberta; preta, parda e cabra; procedências africanas – estavam em sintonia com a utilizada na cidade do Rio de Janeiro para diferenciar/demarcar os lugares sociais e raciais da população. No caso dos escravos, os brasileiros eram separados por “cor” e os africanos pelos locais de origem.⁶¹

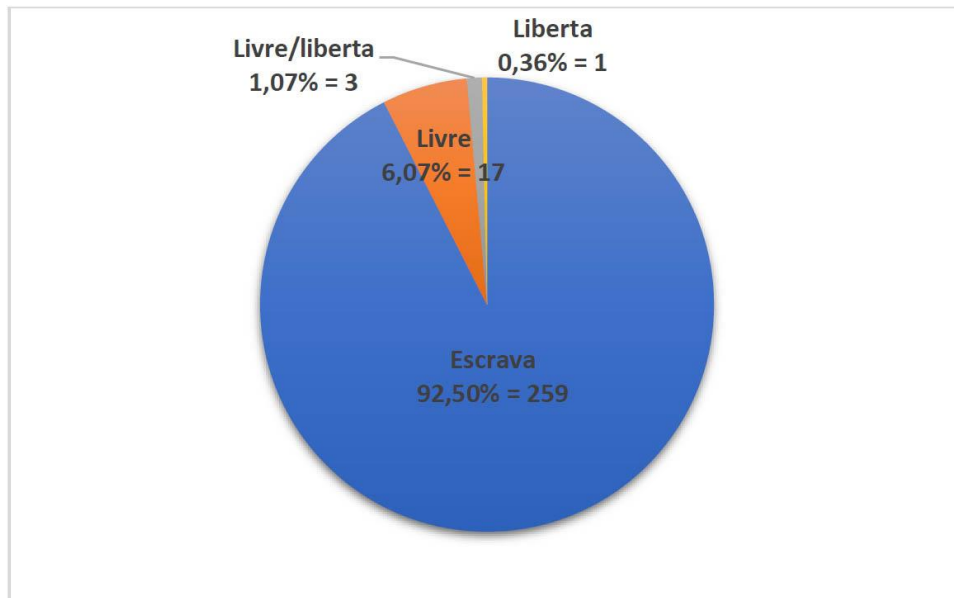
Dos 280 registros de amas internas durante o período escravista, de 12 de março de 1856 a 13 de maio de 1888, esse foi o perfil das nutrizes no que tange à liberdade:

⁶⁰ Sobre as “nações” africanas e as apropriações identitárias empreendidas por escravizados na diáspora ver: SOARES, Carlos Eugênio Líbano; GOMES, Flávio dos Santos; FARIAS, Juliana Barreto. **No labirinto das nações**: africanos e identidades no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

⁶¹ KARASCH, Mary L. *Op. Cit.*, p. 36.

Gráfico 1

Estatuto jurídico das amas de leite da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro
(março de 1856 – maio de 1888).



Fonte: **Livro Amas de leite internas – março de 1856 a janeiro 1915** (ERMD, SCMRJ).

Mulheres escravizadas constituíam a maioria, em sintonia com o perfil das amas que atuavam nos espaços privados⁶². Com relação às 17 amas designadas como livres, dez delas foram nomeadas como “preta livre”, cinco como “livre”, e duas como “parda livre”, sinalizando que os marcadores raciais deviam estar especificados. É possível, portanto, que as denominadas apenas como “livre” fossem mulheres brancas. Ainda no tocante a delimitadores raciais, para as 259 escravizadas a mestiçagem também foi explicitada, quatro amas tiveram a palavra “parda” ao lado de seu nome e outras três o termo “cabra”⁶³. Margarida, a única liberta foi qualificada como “preta forra” e atuou como ama de leite entre dezembro de 1871 e fevereiro de 1872. Para as três mulheres classificadas como livre/liberta não havia referências ao estatuto jurídico e nem a demarcadores

⁶² CARNEIRO, Maria Elizabeth. *Op. Cit.* MARTINS, Bárbara Canedo R. *Op. Cit.* MARTINS, Luiz Carlos Nunes. *Op. Cit.*

⁶³ “Cabra” é um vocábulo de difícil interpretação, há indicações de ser “um termo pejorativo para escravos de raça mista e, ao contrário de crioulo ou pardo, palavras que conotam orgulho de identidade, não há imagens positivas ligadas a “cabra” [...] No contexto do uso oficial, “cabra” parece ter definido os escravos brasileiros menos considerados na cidade, os de ancestralidade e mistura racial indefinida”. KARASCH, Mary C. *Op. Cit.*, p. 39.

raciais; as classifiquei desta forma porque pelo teor dos outros registros é muito difícil que fossem cativas, já que havia a necessidade de se colocar o nome do/a proprietário/a. Essas três mulheres sem identificações – Antonia Francisca d’Oliveira, Jacintha Julia e Anastacia Jacintha – eram casadas, sendo que para a segunda estava discriminado o nome do marido, João Lopes. Os três são os únicos registros referentes a mulheres casadas, assim, é possível que as explicitamente designadas como livres não tivessem contraído o matrimônio. Foram as irmãs vicentinas que documentaram as informações, então, é presumível que tenham classificado como casadas apenas aquelas que sacralizaram o matrimônio na Igreja, deixando de fora outras formas de arranjos familiares. As anotações foram feitas por meio da perspectiva patriarcal vigente, as três amas casadas estariam sob a reponsabilidade do marido e tal informação seria preciosa, pois poderia agregar maior credibilidade moral, advinda do casamento.

Na instituição congênere de Montevideú havia um livro de “Registro de Nutrizes” apresentando informações semelhantes. Segundo Florencia Thul Charbonnier, entre 1818 e 1824, foi frequente a contratação de escravizadas para atuarem como amas internas, sendo considerável o número das que ingressavam com seu bebê, ou seja, o leite seria dividido – as chamadas amas de “*media leche*” ou de “*medio pecho*”.⁶⁴ Para a Casa dos Expostos da capital do Império do Brasil, não havia referência aos/às filhos/as das nutrizes, possivelmente, elas não os/as levavam em vista do alto número de bebês enjeitados a serem aleitados. A viajante inglesa Maria Graham, quando esteve no Brasil na década de 1820, se espantou ao visitar a Roda do Rio de Janeiro e verificar que existiam apenas duas amas de leite para amamentar e cuidar de sete crianças.⁶⁵ O não acompanhamento do/a filho/a pode ter afugentado algumas mulheres livres de atuarem como amas internas. No caso das amas escravizadas, enquanto elas aleitavam os expostos, seus/uas filhos/as, se vivos estivessem, estariam privados da amamentação e cuidados maternos.

⁶⁴ THUL CHARBONNIER, Florencia. *Op. Cit.*, p. 3-4.

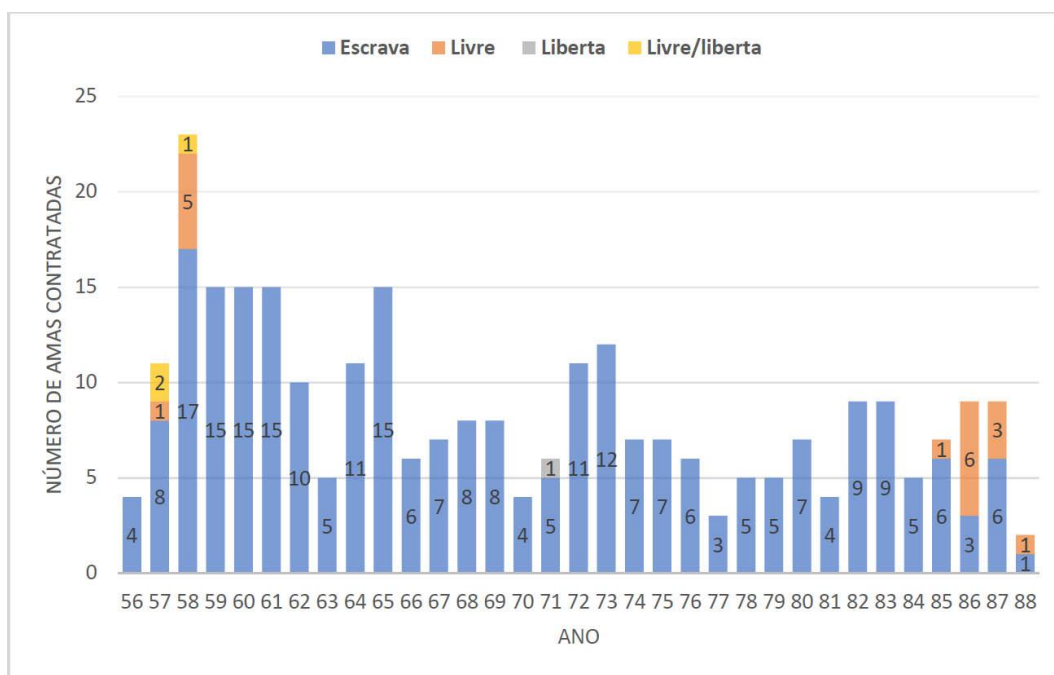
⁶⁵ CARNEIRO, Maria Elizabeth R. *Op. Cit.*, p. 68.

As amas de leite que trabalhavam nas casas de particulares poderiam ou não levar os/as filhos/as consigo, as que iam sós dedicariam atenção total ao bebê do locatário⁶⁶. Nos anúncios de jornais, a ausência do bebê da nutriz era sublinhada e, às vezes, dava-se a possibilidade da locação com ou sem ele, neste caso o valor cobrado seria mais caro, conforme mencionado. Algumas famílias faziam questão da ama desacompanhada da prole, como mostra o exemplo: “Precisa-se comprar uma preta para ama de leite, sem filhos, não de casa de comissão; na rua do Hospício n. 294, sobrado.”⁶⁷.

Sobre as 280 amas de leite internas, assim se deu a admissão ao longo dos anos:

Gráfico 2

Contratação de amas de leite da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, segundo seu estatuto jurídico, ao longo dos anos (março de 1856 – maio de 1888).



Fonte: Livro **Amas de leite internas – março de 1856 a janeiro 1915** (ERMD, SCMRJ).

⁶⁶ Sobre a tensão vivida pela ama escravizada entre dividir o leite, atenção e cuidados entre seu bebê e o da família branca, ver: MACHADO, Maria Helena P. T. *Op. Cit*, 2012.

⁶⁷ **Gazeta de Notícias**, 07/06/1879, p. 5.

O número de amas contratadas não representa exatamente a quantidade de amas existente em cada ano na Casa. Algumas ficavam internas por um período maior que um ano. A escravizada Joaquina Benguela, por exemplo, entrou na instituição em agosto de 1858 e só a deixou em outubro de 1860. Outras, em contrapartida, permaneceram por pouco meses, como a também escravizada Perpetua, “cabra”, que amamentou os enjeitados entre 23 de outubro a 29 de novembro de 1858. O que teria ocorrido para que Perpetua permanecesse um período tão curto? Talvez seu leite tivesse secado, ou ficado doente, ou seu comportamento não foi considerado adequado pelas irmãs que fiscalizavam as nutrizas, enfim, difícil sabermos. Mas a Roda não ficou muito tempo necessitando de mais uma ama, 19 dias depois era contratada a crioula Generoza, que lá foi mantida até julho de 1859.

Por meio do Gráfico 2 é possível verificar que a contratação de amas de leite livres esteve concentrada nos anos iniciais e nos finais. Para 1857 e 1858, a busca por mulheres livres, das quais somente uma tinha a ascendência africana designada, pode estar relacionada às condições sanitárias da cidade daqueles anos; 1858 foi quando se deu a maior contratação, com 23 amas atuando na instituição. Em 1857 houve um aumento da epidemia de febre amarela na zona urbana do Rio de Janeiro, em 1856 o número de mortos foi de 101 e passou para 1.868 no ano seguinte, quando a tuberculose e a angina diftérica também ceifaram várias vidas.⁶⁸ Assim, é possível que a necessidade de um número maior de amas em 1858, escravas e livres, estivesse relacionada à epidemia dos anos anteriores. Mães doentes internadas no Hospital Geral da Santa Casa podem ter tido seus filhos encaminhados à Roda, mães pobres que faleceram e a família não tinha como alimentar o bebê, ou famílias pobres que tiveram vários integrantes mortos e, por isso, as mães sobreviventes não tinham condições de cuidar sozinhas de mais uma criança, enfim, essas são apenas algumas hipóteses de como a epidemia de febre amarela pode ter implicado num crescimento de crianças enjeitadas na Roda e a decorrente maior contratação de amas de leite. O número estável de 15 amas nos três anos subsequentes talvez fosse consequência da epidemia de febre amarela

⁶⁸ PIMENTA, Tânia Salgado; BARBOSA, Keith; KODAMA, Kaori. A província do Rio de Janeiro em tempos de epidemia. *Dimensões*, v. 34, 2015, p. 151 e 170.

que continuou atingindo a cidade. Em 1865, o número de amas novamente atingiu o patamar de 15, quando ocorreu surtos epidêmicos de varíola e escarlatina na capital do Império.⁶⁹ Em 1873, o município neutro foi acometido por mais uma epidemia de febre amarela⁷⁰, sucedendo em novo aumento no número de amas internas.

As amas livres que reaparecem entre 1885 e 1888, todas qualificadas como “preta livre”, devem refletir o peso do abolicionismo naqueles anos, que, dentre outros, condenava o emprego de escravizadas como amas de leite porque separava mãe e filho/a e ao protagonismo da população escravizada. Por meio de retórica sentimental, abolicionistas denunciavam senhores que colocavam escravizadas para trabalharem como amas de leite, estratégia semelhante à utilizada em Havana.⁷¹ As mães escravizadas e libertas acionavam a justiça para si e seus/uas filhos/as, evocando direitos de exercício pleno e autônomo de sua maternidade iguais aos garantidos às mulheres livres da sociedade.⁷²

Dentre as 259 mulheres escravizadas, para algumas havia a indicação de serem africanas ou crioulas.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 159.

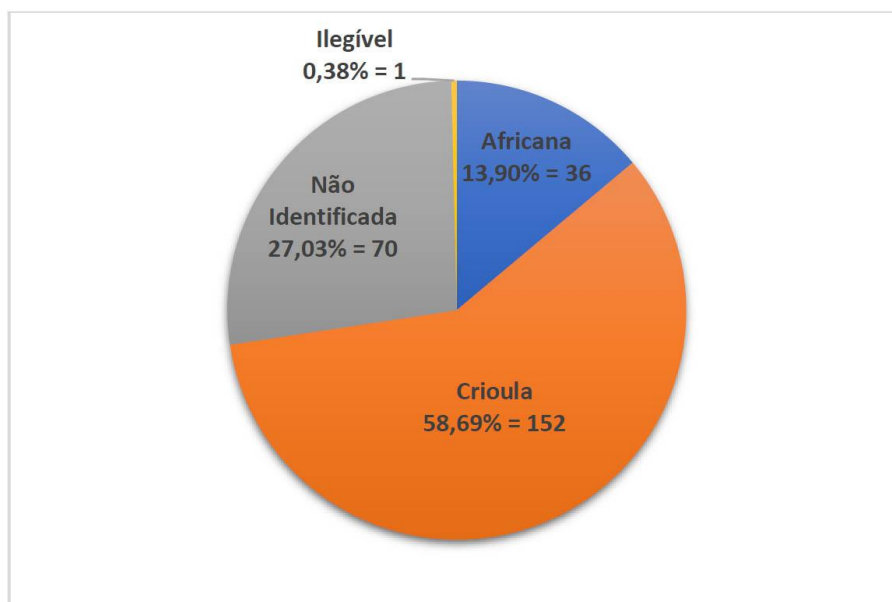
⁷⁰ *Ibidem*, p. 151.

⁷¹ COWLING, Camillia. *Op. Cit.*, cap. 4.

⁷² COWLING, Camillia. *Op. Cit.*, cap. 3. ARIZA, Marília B. A. Ariza. O longo caminho: usos da Lei do Ventre Livre por mães libertas (São Paulo, década de 1880). In: CARULA, Karoline; ARIZA, Marília B. A. (orgs.). **Escravidão e maternidade no mundo atlântico**: corpo, saúde, trabalho, família e liberdade nos séculos XVIII e XIX. Niterói: EdUFF, 2022.

Gráfico 3

Origem das amas de leite escravizadas da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro
(março de 1856 – maio de 1888).



Fonte: **Livro Amas de leite internas – março de 1856 a janeiro 1915** (ERMD, SCMRJ).

A maior parte das amas que atuou na instituição era nascida no Brasil, 152 mulheres, número certamente superior, pois a partir de junho de 1880 as referências à origem deixaram de existir, apenas o nome da mulher passou a ser mencionado. Talvez nessa época não fosse mais necessário colocar “crioula”, sugerindo que todas teriam essa condição, ou porque indicar a origem africana implicava em deixar registrado que a mulher era, talvez, fruto de tráfico transatlântico ilegal, visto que seria muito difícil existir, em 1880, uma africana, legalmente comercializada, que ainda estivesse em idade fértil a partir daquele ano. Com relação às africanas, é possível que algumas das 36 tivessem entrado no Brasil após a Lei de 1831, que proibiu o comércio transatlântico de escravos, e, portanto, constituíssem a vasta massa de escravos ilegalmente traficados. Da mesma maneira, é plausível supor que várias, tanto africanas como crioulas, chegaram à capital do Império por meio do tráfico interno – interprovincial, intraprovincial e local – que cresceu após a Lei Eusébio de Queirós, de 1850.

Até 1870, ano em que aparece o último registro de africanas, 157 amas foram contratadas, das quais apenas 36 (23% dessa amostragem) eram originárias da África. Vale sublinhar que nenhuma mulher livre foi discriminada como africana. Com relação às escravizadas nascidas no continente africano, assim estavam distribuídas nas “nações”:

Tabela 1

“Nações” africanas das amas de leite escravizadas da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro (março de 1856 – maio de 1888).

“Nações”	Quantidade	Anos de entradas na instituição
Cabinda	8	1858 a 1870
Angola	6	1857 a 1870
Mina	5	1858 a 1866
Benguela	4	1856 a 1864
Rebola	4	1858 a 1865
Conga	3	1857 a 1859
Moçambique	3	1856 a 1860
Monjola	2	1856 a 1860
Caçange	1	1861
Total	36	1858 a 1870

Fonte: **Livro Amas de leite internas - março de 1856 a janeiro 1915** (ERMD, SCMRJ).

Fazendo uso da classificação de Mary C. Karasch, das 36 africanas que atuaram como amas internas, a maioria (28 mulheres, ou 78,8%) era proveniente da África Central ou Centro-Oeste Africano, das quais 15 de Angola (Angola, Benguela e Rebola) e 13 do Congo Norte (Cabinda, Conga e Monjola); seguido da África Ocidental, 5 amas Mina; e, por fim, 3 da África Oriental (Moçambique). Esse perfil está em sintonia com o restante da população africana da cidade, onde os

centro-africanos correspondiam à maioria⁷³, com destaque no caso das amas às cabindas.

Na África Central, a fertilidade e a maternidade eram valorizadas e conferiam às mulheres *status* social, da gestação aos cuidados com os/as filhos/as⁷⁴. Na diáspora, contudo, as condições de vivências maternas – trabalhos árduos ocasionando abortos espontâneos, elevados índices de natimortos e de mortes de recém-nascidos, abandono dos filhos na Roda, a separação – conformaram suas escolhas e experiências. Cassia Roth, ao analisar o Rio de Janeiro, argumenta que, para as escravizadas, coexistiam a vontade de ser mãe e a de não conceber uma criança que nasceria escrava⁷⁵; dualidade que pode ter tocado de modo diferenciado as africanas procedentes de sociedades nas quais a valorização da maternidade era significativa e distintiva. A vivência do cativeiro fez com que as escravizadas tivessem que ressignificar a gestação, o parto, a morte dos bebês e a maneira de criar os/as filhos/as.⁷⁶ Atuar como amas de leite estava entre essas redefinições, das amas internas na Casa dos Expostos era subtraída a experiência materna plena. Muitas dessas centro-africanas estiveram, ao mesmo tempo, na instituição atuando como nutrizes, por exemplo, Ignez Benguela, Luduvina Monjola, Maria Angola, outra Maria Angola e Carolina Conga que, entre 1856 e 1857, puderam compartilhar suas angústias e expectativas maternas enquanto amamentavam as várias crianças enjeitadas na Roda.

Outra informação presente no livro de registro é sobre os/as proprietários/as das amas escravizadas.

⁷³ KARASCH, Mary C. *Op. Cit.*, p. 45-58. GOMES, Flávio dos Santos. A demografia atlântica dos africanos no Rio de Janeiro, séculos XVII, XVIII e XIX: algumas configurações a partir de registros eclesiásticos. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 19, p. 81-106, 2012.

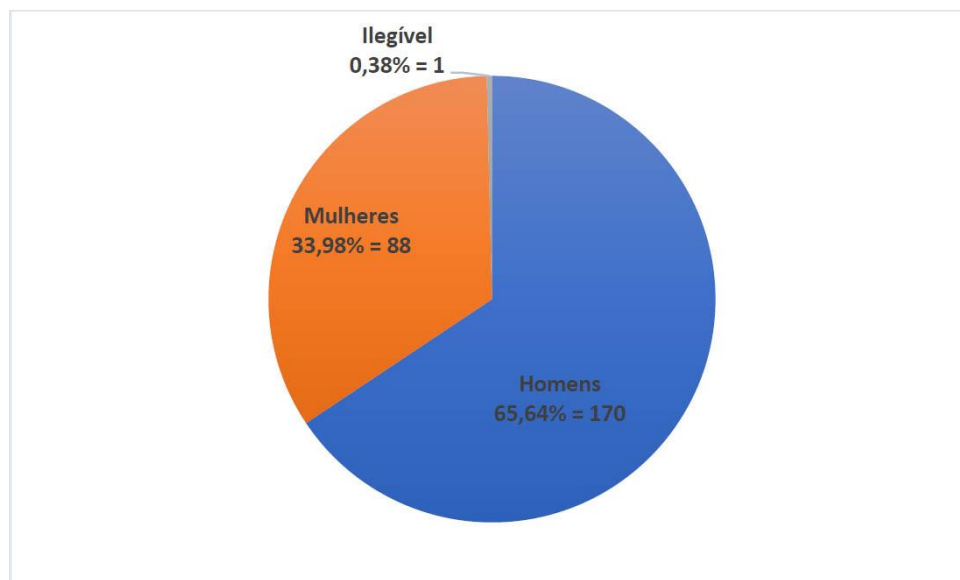
⁷⁴ PATON, Diana, *Op. Cit.*, p. 261.

⁷⁵ ROTH, Cassia. From free womb to criminalized woman: fertility control in Brazilian slavery and freedom. **Slavery & Abolition**, special issue, v. 38, n. 2, p. 269-286, junho/ 2017, p. 274.

⁷⁶ Uma discussão sobre as ressignificações pode ser encontrada em: MORGAN, Jennifer L. *Op. Cit.*, cap. 4.

Gráfico 4

Proprietários/as das amas de leite escravizadas da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro (março de 1856 – maio de 1888).



Fonte: **Livro Amas de leite internas – março de 1856 a janeiro 1915** (ERMD, SCMRJ).

As mulheres representavam cerca de 1/3 dos/as proprietários/as de escravizadas. Entre as senhoras, uma se destacou nos registros – Anna Pereira de Andrade Coutinho –, ora grafada como Anna Pereira d’Andrade, Anna de Andrade Coutinho ou Anna Andrade, sempre descrita residindo em Botafogo ou Praia de Botafogo. Antes de seu nome vinha a referência a Ilma. Sra., Sra. D., D. ou apenas Sra., sinalizando para a sua posição de distinção social. Entre 1858 e 1879, havia 15 registros de nutrizas que eram sua propriedade, sendo que dois se referiam à mesma escravizada – Hermenegilda Crioula, alugada como ama da Casa dos Expostos entre 23 de agosto de 1865 a 20 de abril de 1866 e de 02 de outubro de 1869 a 11 de fevereiro de 1871. Em um período de quatro anos, ou Hermenegilda teve, ao menos, duas gravidezes, cujos bebês não tiveram sua mãe por perto e nem por ela foram aleitados; ou ficou atuando em casa de particulares e depois retornou à instituição. Outra de suas cativas, Julia Crioula, entre 1873 e 1876, atuou como ama interna da instituição por um pouco mais que dois anos e quatro meses. No ano de 1873, Anna Pereira de Andrade Coutinho chegou a ter,

concomitantemente, quatro de suas escravizadas aleitando bebês abandonados. Alugar suas escravizadas que foram mães para a Roda era uma estratégia de administração de sua mão de obra. É possível que, associado a esse raciocínio, Anna Pereira de Andrade Coutinho também “zelsse” pelos/as filhos/as das escravizadas, ao menos até 1871, na expectativa de explorar a capacidade produtiva e reprodutiva deles/as, assim como fazia com as suas mães alugadas como amas de leite.

Outras proprietárias locaram mais de uma escravizada como ama de leite interna; para apenas duas a viuvez foi destacada – a Viúva [?] Cypriano de Carvalho e a Viúva Ramos. Esta, em 1874, alugou duas de suas cativas, Maria Mercês e Margarida, ambas crioulas, tendo como procuradora a Sra. Anna Pereira de Andrade Coutinho, que, como mencionado, já tinha vasta experiência no assunto. Outra mulher que atuou como procuradora foi Josefa Maria, que intermediou a transação do aluguel da cativa Felicidade, propriedade de Rita Leopoldina Andry. De todas as 88 amas que foram alugadas por mulheres, apenas 8 transações se deram pelo intermédio de um procurador, em todas as outras foram elas que diretamente fizeram a negociação, indicando o protagonismo das proprietárias na administração de suas posses. Nesse tipo de transação, era o endereço das proprietárias que constava. Faustino Ribeiro Guimarães, procurador de Maria Antonia Paixão, alugou duas escravizadas, no mesmo dia em que Barbara deixou a instituição, Albina, outra escravizada, foi contratada. Teria Barbara adoecido ou seu leite secado para ela ser dispensada e imediatamente substituída por sua companheira de cativeiro? Assim como no caso anteriormente citado da escravizada Perpetua, não temos a resposta. A única coisa certa é que de setembro de 1881 a maio de 1883, a senhora Maria Antonia Paixão contou com 40\$000 referente ao aluguel. Algumas mulheres foram procuradoras de homens, reforçando a experiência e participação delas nos negócios: a Sra. D. Feliciano Roiz de Lima Torres, que em 1873 alugou a crioula Fé, pertencente a Jorge Xavier Castrioter, e a Sra. D. Anna Catharina Torreão, que alugou a crioula Maria, de Genuino Augusto de Barros Torreão.

Para o Sul dos Estados Unidos, Stephanie E. Jones-Rogers, enfocando as mulheres casadas, mostra como as proprietárias foram ativas no mercado de escravos, argumentando que as relações de gênero estavam influenciadas pela posição que ocupavam na sociedade escravista. Aquelas senhoras compravam e vendiam tanto nos mercados e leilões como em suas residências, quando comerciantes itinerantes pernoitavam em suas propriedades. Algumas atuaram como intermediárias, semelhante à senhora Anna Pereira de Andrade Coutinho. Contudo, as transações comerciais se davam principalmente com homens e amigos da família, o que diminuía o nível de risco envolvido.⁷⁷

Entre os proprietários, apresentados no Gráfico 4, estão nomes de grande monta da sociedade, destacados com tratamentos cerimoniosos de distinção e prestígio como: Exmo. Sr., Ilmo. Sr., Ilmo. Sr. Dr., Exmo. Dr., Ilmo. Sr. Coronel, Ilmo. Sr. Marechal, Exmo. Sr. Conselheiro, Ilmo. Sr. Comendador. Em 1857; o conselheiro Bernardo Belizaro Soares de Souza alugou Carolina Conga; Nabuco de Araújo alugou sua escravizada Elisa, crioula, em 1858; o Visconde de Itaboraahy, entre 1862 e 1865, enviou cinco de suas escravizadas para servirem de nutrizes da Roda dos Expostos. Para esses homens, dada suas posições, alugar uma escravizada para a Casa pode ser compreendido pela ótica da caridade, estariam cedendo, muitas vezes a um preço menor que o do mercado, como mostrarei a seguir, uma de suas cativas para aleitarem e cuidarem de bebês enjeitados pelos genitores; a caridade, por sua vez, lhes agregaria “nobreza de caráter”.

Além dos notabilizados proprietários, outros 106 foram designados como “Sr.”, como José Gomes Xavier, que alugou para a Casa dos Expostos dez escravizadas entre os anos de 1881 e 1886. Alguns dos designados apenas com “Sr.” teriam futuro destaque político, como, por exemplo, o senador e conselheiro do Império na década de 1880, Francisco Belisario Soares de Souza, que em 1863 alugou sua escravizada Jesuina. Um ano antes, outra pessoa residente no mesmo endereço seu levou uma escravizada para atuar como ama na Roda, foi Luzia das Neves Soares de Souza. Não encontrei fontes indicando o grau de parentesco de

⁷⁷ JONES-ROGERS, Stephanie. *Op. Cit.*, cap. 4.

ambos, talvez marido e esposa ou irmãos. Certo é que a experiência de administração de Luzia foi seguida por Francisco.

Para vinte amas, dos 280 registros do livro, o endereço registrado era de fora da cidade do Rio de Janeiro, seis livres e 14 escravizadas. Destas, uma era de Petrópolis, duas de Maricá, cinco de Niterói e seis de Itaboraí. Talvez seus/uas proprietários/as tivessem residência na Corte, dado que apenas três dessas transações foram intermediadas por procuradores – em 1874, duas escravizadas da Viúva Ramos, residente em Niterói, foram negociadas pela experiente Anna Pereira Andrade Coutinho e, em 1883, João Coelho Gomes Sobrinho representou, seu possível parente, José Bernardo Gomes, morador de Maricá, no aluguel de Servula. Quanto às livres, todas designadas como “preta livre”, vieram de Itaboraí e foram contratadas entre julho de 1886 e março de 1887. Possíveis mães empobrecidas que souberam da demanda de amas de leite para a Casa dos Expostos para lá foram na expectativa de uma remuneração, naqueles anos a instituição pagava 40\$000 às amas.

Dois escritórios de aluguel de trabalhadores, escravizados e livres, enviaram amas de leite para a instituição. Um foi o “Cabral Irmãos e Cia.”, que em 1863⁷⁸ alugou a escravizada Josefa Mina. O outro foi o “Marins Irmãos”, que entre 1883 e 1886 alugou nove escravizadas e a “preta livre” Ludovina. Esta agência, tinha tradição nesse tipo de negócio, realizando também transações de amas com particulares, como evidencia a nota publicada na imprensa: “Roga-se aos Srs. Marins & Irmãos de mandarem buscar à rua de Santa Christina n. 7 a sua escrava que está alugada como ama, visto ignorar-se a sua morada. Declara-se mais que declina-se de toda responsabilidade d’esta dará em diante, visto não serem mais necessários os serviços de ama.”⁷⁹.

No tocante aos vencimentos, na década de 1850, foram pagos os seguintes valores: 10\$000 (só em um caso), 25\$000, 26\$000, 28\$000, 30\$000, 35\$000, 36\$000, 39\$000 e 40\$000, sendo 33\$058 o valor médio. Na década de 1860, a

⁷⁸ Situado na Rua de São Pedro n. 82, nesse mesmo ano, a empresa faliu e sua massa falida era anunciada na imprensa: **Jornal do Commercio**, 16/10/1863, p. 2; **Diario do Rio de Janeiro**, 16/10/1863, p. 2.

⁷⁹ **Gazeta de Noticias**, 15/03/1886, p. 2.

remuneração estava dividida em duas categorias – 33 amas, ou seus/uas proprietários, receberam 35\$000 e 66 ganharam 39\$000. Na década de 1870, permaneceram dois grupos de pagamento: 16 nutrizes receberam 35\$000 e 50 receberam 40\$000. Após 10 de junho de 1876, todas as amas passaram a receber 40\$000, valor que se manteve até o final do recorte cronológico. Não havia distinção entre os montantes pagos às livres, liberta e escravas. Pelas informações presentes na fonte não é possível tecer considerações precisas acerca dos critérios para as diferenças de valores quando existiram dois grupos. Ao analisar anúncios de amas publicados nos jornais, alguns pontos se destacam como importantes nesse tipo de mercado e que podem ajudar a problematizar a questão: presença ou não do/a filho/a da ama, número de partos e idades da ama e do leite. O primeiro item pode ser descartado porque na instituição as amas estavam desacompanhadas. Os outros quesitos podem ter pautado a classificação dos vencimentos em duas classes. Mulheres que já tiveram um ou mais filhos/as tinham mais experiência e, por isso, seriam mais desejadas. Sobre a idade do leite, alguns locatários preferiam aquelas que tivessem em idade próxima ao do bebê a ser aleitado, posição defendida por alguns médicos⁸⁰.

No que diz respeito aos vencimentos pagos às nutrizes, no Asilo do Hospital de Caridade de Montevideu, entre 1818 e 1824, Florencia Thul Charbonnier encontrou registros de amas escravizadas que não ganhavam salário, apenas alimentação.⁸¹ Para a Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, todas as contratações de amas de leite internas se deram por meio de pagamentos de vencimentos.

Ao comparar os valores pagos às amas da Roda com os anúncios publicados nos jornais, verifica-se que inicialmente ambos estavam na mesma faixa e depois a instituição passou pagar menos. Na década de 1860, os valores foram próximos, no *Jornal do Commercio* foram anunciadas remunerações de 35\$000 e 36\$000; na de 1870, no *O Globo* e na *Gazeta de Notícias*, os valores eram 45\$000, 50\$000, chegando até 70\$000; já nos anos 1880, na *Gazeta*, a renumeração estava, em média, em 60\$000, quantias menores foram encontradas quando as amas levavam

⁸⁰ CARNEIRO, Maria Elizabeth R. *Op. Cit.*, p. 149-147; MARTINS, Bárbara Canedo R. *Op. Cit.*, cap. 4; CARULA, Karoline. *Op. Cit.*, 2016a.

⁸¹ THUL CHARBONNIER, Florencia. *Op. Cit.*, p. 4.

seus/as filhos/as consigo.⁸² Essa comparação leva à reflexão dos motivos que impulsionavam proprietários/as a alugarem suas amas para a Casa e não para particulares, que poderiam pagar mais. A caridade residia entre eles, renunciar a um lucro maior para ajudar a alimentar e cuidar de bebês abandonados era um gesto nobre em uma sociedade com fortes valores católicos. A segurança institucional, tanto de recebimento quanto de cuidado com sua propriedade, também pode ter motivado.

Considerações finais

Por meio da análise dos registros no Livro de Amas de Leite Internas, verifica-se que explicitar o estatuto jurídico – escrava, livre e liberta – era essencial não apenas para o controle da propriedade, mas para a delimitação do lugar social da ama na sociedade. A intersecção do marcador da liberdade com o racial mostra como eles estavam imbricados no olhar daqueles que classificavam as amas. Outro ponto importante a ser destacado é o referente à maciça presença de amas escravizadas, crioulas em sua maioria, na Casa dos Expostos. Alugar uma escravizada para a instituição foi estratégia de administração de cativos para proprietários e proprietárias, que poderia relacionar-se ao valor social da caridade e/ou a segurança que aquela instituição sólida poderia garantir. Não menos importante, o estudo dos registros evidencia o protagonismo de proprietárias no comércio de escravos.

As experiências maternas das escravizadas no mundo atlântico, guardadas as especificidades locais, foram marcadas muitas vezes pelo impedimento do exercício pleno de sua maternidade⁸³. Para aquelas que foram compelidas a trabalharem como amas de leite, não raro lhes foi negada a possibilidade de cuidar e ofertar o alimento que poderia garantir a sobrevivência de seus bebês. Esse foi o

⁸² **Jornal do Commercio**, 04/11/1860, 10/01/1866; **O Globo**, 24/07/1877, p. 3; **Gazeta de Notícias**, 11/10/1877, p. 3, 16/03/1879, p. 5, 08/05/1880, p. 5, 14/08/1880, p. 5, 30/10/1884, p. 3.

⁸³ Mulheres pobres, livres e libertas, também tiveram suas vivências maternas plenas impactadas no contexto oitocentista. Conferir: ARIZA, Marília B. A. **Mulheres infames, filhos venturosos: trabalho, pobreza, escravidão e emancipação no cotidiano de São Paulo (século XIX)**. São Paulo: Alameda, 2020.

caso das escravizadas que trabalharam como amas internas da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, onde, diferente de instituições congêneres de outras localidades, não havia registro de nutrizes com os/as filhos/as, lá elas permaneciam em tempo integral.

Na Casa da Roda as amas ficavam responsáveis pela alimentação e cuidado de mais de uma criança, o que, além do cansaço, pode ter provocado dores nas mamas exaustas de aleitarem. Além das dores físicas, as emocionais ocasionadas pela separação dos/as filhos/as, o luto em alguns casos e a distância de pessoas queridas que compunham suas redes familiares, de sociabilidade e de solidariedade marcavam as amas escravizadas da instituição, onde, juntamente com outras em mesma condição, compartilhavam seus sofrimentos, angústias e aprendizados sobre amamentação e cuidados com bebês.

Referências bibliográficas

ARIZA, Marília B. A. **Mulheres infames, filhos venturosos: trabalho, pobreza, escravidão e emancipação no cotidiano de São Paulo (século XIX)**. São Paulo: Alameda, 2020.

_____. O longo caminho: usos da Lei do Ventre Livre por mães libertas (São Paulo, década de 1880). *In*: ____; CARULA, Karoline (orgs.). **Escravidão e maternidade no mundo atlântico: corpo, saúde, trabalho, família e liberdade nos séculos XVIII e XIX**. Niterói: EdUFF, 2022.

BARCIA Zequeira, Maria del Carmen. **Oficios de mujer**. Parteras, nodrizas y “amigas”: servicios públicos em espacios privados (siglo XVII – siglo XIX). Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2015.

BROWN, Kathleen M. **Good wives, nasty wenches, and anxious patriachs: gender, race, and power in colonial Virginia**. Chapel Hill and London: University of North Carolina Press, 1996.

CARNEIRO, Maria Elizabeth R. **Procura-se uma “preta, com muito bom leite, prendada e carinhosa”: uma cartografia das amas-de-leite na sociedade carioca (1850-1888)**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

CARULA, Karoline. Alimentação na primeira infância: médicos, imprensa e aleitamento no fim do século XIX. *In*: SANGLARD, Gisele (org.). **Amamentação e**

políticas para a infância no Brasil: a atuação de Fernandes Figueira (1902-1928). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016a, p. 31-56.

____. Amas de leite na *Gazeta de Notícias* (década 1870). In: CARULA, Karoline; RIBEIRO, Gladys Sabina (org.). **Tensões políticas, cidadania e trabalho no longo Oitocentos.** São Paulo: Alameda, 2020.

____. **Darwinismo, raça e gênero:** projetos modernizadores para a nação em conferências e cursos públicos (Rio de Janeiro, 1870-1889). Campinas: Editora da Unicamp, 2016b.

____. Maternidade escrava e amas de leite na imprensa do Rio de Janeiro do Oitocentos. In: CARULA, Karoline; ARIZA, Marília B. A. (orgs.). **Escravidão e maternidade no mundo atlântico: corpo, saúde, trabalho, família e liberdade nos séculos XVIII e XIX.** Niterói: EdUFF, 2022.

____. Maternidades oitocentistas: reflexões sobre ser mãe a partir do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis. In: FORTES, Carolina Coelho; CARLONI, Karla (orgs.). **Mulheres tecendo o tempo:** experiências e experimentos femininos no medievo e na contemporaneidade. Curitiba: CRV, 2020, v. 1, p. 47-62.

CARULA, Karoline; ARIZA, Marília B. A. (orgs.). **Escravidão e maternidade no mundo atlântico: corpo, saúde, trabalho, família e liberdade nos séculos XVIII e XIX.** Niterói: EdUFF, 2022.

CARULA, Karoline; FREIRE, Jonis. “Aluga-se uma boa ama de leite, é perfeita cozinheira, engomadeira e lavadeira”: o trabalho das amas de leite em Juiz de Fora nos anúncios do jornal *O Pharol* (1876-1933). In: ____ (orgs.). **Raça, gênero e classe:** trabalhadores(as) livres e escravizados(as) no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2020, p. 123-144.

COSATI, Letícia Conde Moraes. **Assistência à infância na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro:** a transformação da Casa dos Expostos (1888-1912). Dissertação (Mestrado em História das Ciências). Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz, 2019.

COWLING, Camillia. **Concebendo a liberdade:** mulheres de cor, gênero e a abolição da escravidão nas cidades de Havana e Rio de Janeiro. Campinas: Unicamp, 2018.

FRANCO, Renato. Riqueza, pobreza e infância: o reformismo ilustrado português e a utilidade dos expostos. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 26, supl., dez. 2019, p.109-127.

GIL, Caroline Amorim. **Precisa-se ou aluga-se:** o mapeamento de amas de leite na cidade do Rio de Janeiro na Primeira República. Dissertação (Mestrado em História

das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

GOMES, Flávio dos Santos. A demografia atlântica dos africanos no Rio de Janeiro, séculos XVII, XVIII e XIX: algumas configurações a partir de registros eclesiásticos. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 19, p. 81-106, 2012.

GUZMÁN, Florencia. ¡Madres negras tenían que ser! Maternidad, emancipación y trabajo en tiempos de cambios y transformaciones (Buenos Aires, 1800-1830). **Tempo**, Niterói, v. 24, n. 3, p. 451-473, Sept./Dic. 2018.

____. “Precisa-se de ama de leite para comprar ou conchabar”. Trabalho e racializações de gênero no contexto da abolição gradual (Buenos Aires 1800-1830). In: CARULA, Karoline; ARIZA, Marília B. A. (orgs.). **Escravidão e maternidade no mundo atlântico: corpo, saúde, trabalho, família e liberdade nos séculos XVIII e XIX**. Niterói: EdUFF, 2021.

JONES-ROGERS, Stephanie E. **They were her property**: white women as slave owners in the American South. New Haven & London: Yale University Press, 2019.

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro: 1808-1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LIVESEY, Andrea. Conceived in violence: enslaved mothers and children born of rape in nineteenth-century Louisiana. **Slavery & Abolition**, v. 38, n. 2, p. 373-391, 2017.

MACHADO, Maria Helena P. T. Entre dois Beneditos: histórias de amas de leite no ocaso da escravidão. In: GOMES, Flávio dos S.; XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana B. (org.). **Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação**. São Paulo: Selo Negro, 2012, p. 199-213.

____. Mulher, corpo e maternidade. In: SCHWARCZ, Lilia M.; GOMES, Flavio dos Santos (org.). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 334-340.

MACHADO, Maria Helena P. T.; BRITO, Luciana da Cruz; VIANA, Iamara da Silva; GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). **Ventres livres?** Gênero, maternidade e legislação. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História social da criança abandonada**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2019.

MACHADO DE ASSIS. Pai contra mãe. In: _____. **Relíquias de casa velha**. Rio de Janeiro, Paris: H. Garnier, Livreiro Editor, 1906.

MARTINS, Bárbara Canedo R. **Amas-de-leite e mercado de trabalho feminino**: descortinando práticas e sujeitos (Rio de Janeiro, 1830-1890). Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MARTINS, Luiz Carlos Nunes. **No seio do debate**: amas-de-leite, civilização e saber médico no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.

McMILLEN, Sally G. **Motherhood in the Old South**: pregnancy, childbirth, and infant rearing. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1997.

MERIÑO FUENTES, Maria de los Ángeles; PERERA DÍAZ, Aisnara. La madre esclava y los sentidos de la libertad. Cuba 1870-1880. **História Unisinos**, v. 12, n. 1, p. 49-59, Janeiro/Abril 2008.

MORENO, José Luis. El delgado hilo de la vida: los niños expósitos de Buenos Aires, 1779-1823. **Revista de Indias**, v. LX, n. 220, p. 663-685, 2000.

MORGAN, Jennifer L. **Laboring women**: reproduction and gender in New World slavery. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Maternidade silenciada: amas de leite no Brasil escravista, século XIX *In*: XAVIER, Regina Célia; OSÓRIO, Helen (org.). **Do tráfico ao pós-abolição**: trabalho compulsório e livre e a luta por direitos sociais no Brasil. São Leopoldo: Oikos, 2018, p. 360-391.

OSTA VÁZQUEZ, María Laura. Manos que mecen la cuna: amas de leche uruguayas bajo el control del discurso médico en el siglo XIX. **Estudios Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 1-15, jan.-abr. 2021.

_____. Niños y Niñas, expósitos y huérfanos en Montevideo del siglo XIX. **Revista de la Facultad de Derecho**, n. 41, p. 155-189, jul.-dic. 2016.

PATON, Diana. Maternal struggles and the politics of childlessness under pronatalist Caribbean slavery. **Slavery & Abolition**, v. 38, n. 2, p. 251-262, 2017.

PIMENTA, Tânia Salgado; BARBOSA, Keith; KODAMA, Kaoria. A província do Rio de Janeiro em tempos de epidemia. **Dimensões**, v. 34, p. 145-183, 2015.

ROTH, Cassia. From free womb to criminalized woman: fertility control in Brazilian slavery and freedom. **Slavery & Abolition**, special issue, v. 38, n. 2, p. 269-286, 2017, p. 274.

SANGLARD, Gisele. Entre o Hospital Geral e a Casa dos Expostos: assistência à infância e transformação dos espaços da Misericórdia carioca (Rio de Janeiro, 1870-1920). **Revista Portuguesa de História**, Coimbra, t. XLVII, p. 337-358, 2016.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano; GOMES, Flávio dos Santos; FARIAS, Juliana Barreto. **No labirinto das nações**: africanos e identidades no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

TELLES, Lorena Féres da S. Bacias, fetos e pelvímetros: mulheres escravizadas e violência obstétrica na enfermaria de partos do Rio de Janeiro (década de 1880). Ambos os capítulos estão na obra: CARULA, Karoline; ARIZA, Marília B. A. (orgs.). **Escravidão e maternidade no mundo atlântico**: corpo, saúde, trabalho, família e liberdade nos séculos XVIII e XIX. Niterói: EdUFF, 2022.

____. Mães e amas de leite nas malhas dos interesses escravistas: mercado urbano de aluguel, abandono e morte de bebês ingênuos no Rio de Janeiro (1871-1888). In: MACHADO, Maria Helena P. T.; BRITO, Luciana da Cruz; VIANA, Iamara da Silva; GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). **Ventres livres?** Gênero, maternidade e legislação. São Paulo: Editora Unesp, 2021, p. 41-62.

____. **Teresa Benguela e Felipa Crioula estavam grávidas**: maternidade e escravidão no Rio de Janeiro (século XIX). Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

THUL CHARBONNIER, Florencia. Amas de leche em Montivideo entre la esclavitud y la abolición. **Anais do 10º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**. Guarulhos, Assis: Universidade Federal de São Paulo, Universidade Estadual Paulista, 2021.

TORRES PICO, José M. **Los expósitos y la sociedade colonial**: la Casa Cuna de la Habana, 1710-1832. Habana: Editora Historia, 2013.

TURNER, Sasha. The nameless and the forgotten: maternal grief, sacred protection, and the archive of slavery. **Slavery & Abolition**, v. 38, n. 2, p. 232-250, 2017.

VENÂNCIO, Renato Pinto. **Famílias abandonadas**: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvados – séculos XVIII e XIX. Campinas: Papyrus, 1999.

WEST, Emily; KNIGHT, R. J. Mothers' milk: slavery, wetnursing, and black and white women in the Antebellum South. **Journal of Southern History**, v. LXXXIII, n. 1, p. 37-68, February 2017.

Recebido: 15/12/2021
Aprovado: 11/04/2022